

## Visibilidade Trans no Brasil: Revisão de Literatura (2015-2020)<sup>1</sup>

Tatiana CLÉBICAR<sup>2</sup>

Katia LERNER<sup>3</sup>

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

Embora o desacordo entre o sexo biológico e a identidade de gênero já fosse estudado desde o início do século XX, sentidos construídos em diferentes instâncias deram a ver a existência de identidades trans com mais nitidez nos últimos anos. A fim conhecer a produção científica atualizada sobre o tema, este trabalho contempla uma revisão de literatura tomando a visibilidade trans como objeto. Uma busca no Google Acadêmico, Portal de Periódicos e Catálogo de Teses & Dissertações, ambos da Capes, Lilacs, Scielo e nos anais da Intercom e Compós resultou em 40 trabalhos de formatos distintos. A revisão sinaliza para uma relação mais estreita entre visibilidade trans e comunicação, política e cultura. Educação, produção científica e saúde foram outros eixos presentes e ajudam a entender as instâncias em que os sentidos sobre o tema são construídos.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; transgênero; visibilidade trans; revisão de literatura.

### INTRODUÇÃO

Diferentes regimes de visibilidade marcam as relações de poder que são tecidas entre sujeitos e instituições. Buscar identificá-los é uma tentativa de compreender os cenários discursivos que permitem que certos corpos, com suas demandas e afetos, se constituam subjetiva e socialmente. Os debates em torno da transgeneridade e seu reconhecimento enquanto identidade de gênero inteligível são um exemplo desta disputa simbólica e vêm angariando mais destaque desde a década de 1990. Nos campos político, cultural, médico e científico, pessoas trans desenvolvem estratégias comunicacionais para ora se fazer notar ora para passar despercebidamente, num esforço pela conquista e manutenção de direitos. Embora o desacordo entre o sexo biológico e a identidade de gênero já fosse estudado desde o início do século XX, sentidos construídos em diferentes instâncias deram a ver a existência de identidades trans com mais nitidez nos últimos anos. A fim conhecer a produção científica atualizada sobre o tema, este trabalho

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fiocruz, com bolsa Capes, email: [tatiana.clebicar@gmail.com](mailto:tatiana.clebicar@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho; doutora em Sociologia e Antropologia (UFRJ), pesquisadora do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fiocruz, email: [katia.lerner@icict.fiocruz.br](mailto:katia.lerner@icict.fiocruz.br).

---

contempla uma revisão de literatura tomando a visibilidade trans como objeto. Ele é parte de uma investigação mais ampla sobre regimes de visibilidade que envolvem a questão T, abreviação das várias formas de nomear essas vivências.

O levantamento bibliográfico segue os procedimentos sugeridos por Kjell Rudestan e Rae Newton (1992), que propõem uma metáfora para viabilizar o manuseio e a apropriação de teses, dissertações, artigos e papers apresentados em congressos. Eles partem da premissa de que cada item da revisão pode ser comparado, segundo sua relevância, a um fotograma cujo enquadramento é feito em três planos diversos: aberto, médio ou fechado. Usam, portanto, uma forma de visibilidade simbólica como forma de seleção. Trabalhos relevantes para o campo, mas sem relação direta com o objeto seriam um registro aberto. Os planos médios são aqueles em que o tema está no quadro, mas não em foco. Os fechados ou closes, aos quais deve-se dar prioridade, são os trabalhos que miram de fato o objeto. Nesta revisão, optou-se por incluir apenas os itens classificados nesse último nível de relevância, apresentando seus argumentos principais.

Com base nas indicações procedimentais, a primeira etapa consistiu na definição do tema da busca e das bases. Neste caso, optou-se pelo descritor “visibilidade trans”<sup>4</sup> e por bases bibliográficas relevantes para a produção científica nacional, embora genéricas, e outras, mais restritas, importantes para a área de concentração interdisciplinar da Informação e Comunicação em Saúde na qual a investigação se insere. São elas: Google Acadêmico; Portal de Periódicos e Catálogo de Teses & Dissertações, ambos da Capes; Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs); e o Scientific Electronic Library Online (SciELO). Incluímos ainda os anais dos dois principais congressos brasileiros da área da Comunicação – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) e Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) – nos quais o aumento do interesse pela produção social de sentidos sobre gênero e sexualidade resultou na criação de grupos de trabalho e pesquisa dedicados especificamente ao tema desde 2018. Os temas já estavam presentes no campo anteriormente, mas ao nomear espaços de discussão acadêmica com essa finalidade, a comunidade científica sinaliza para o fortalecimento de linhas de pesquisa que contribuam para investigações mais detidas. Em todas as fontes e bases, o recorte

---

<sup>4</sup> A primeira opção de busca foi “visibilidade trans” como um descritor único. Nas bases em que não houve retorno dessa forma, optou-se pela busca booleana “visibilidade” AND “trans”. Nos sites dos congressos, foi necessário usar os descritores separadamente e avaliar se os trabalhos localizados eram pertinentes à pesquisa.

temporal foi de 2015 (inclusive) a 2020 (inclusive). O Quadro 1 resume os achados em cada uma das bases e fontes bibliográficas. Entre os 45 trabalhos de interesse coletados, havia duplicatas entre as bases, reforçando sua relevância. Após os expurgos necessários, restaram 40 textos, cujos fundamentos teórico-metodológicos serão apresentados a seguir compilados em seis conjuntos temáticos (Quadro 2).

Quadro 1 – Trabalhos localizados nas fontes bibliográficas selecionadas

Base/Fonte	Recuperados	Coletados
Catálogo de Teses & Dissertações	51	7
Compós (Anais)	50	5
Google Acadêmico	422	15
Intercom (Anais)	123	6
Lilacs	4	3
Portal de Periódicos	146	7
SciELO	2	2
Total	798	45

Quadro 2 – Quantidade de trabalhos por conjunto temático

Temas	Mídia	Política	Cultura	Educação	Produção científica	Saúde
No. de trabalho	15	11	6	3	3	3

Antes de passar aos textos, no entanto, é interessante evidenciar a natureza dos trabalhos (Quadro 3) e discriminá-los por ano de publicação (Quadro 4). Em três casos, observamos que os produtos resultantes de cursos de mestrado e doutorado foram publicados de forma recortada como artigos científicos. Devido ao caráter distinto de cada uma dessas modalidades, foram considerados como produtos independentes na contagem.

Quadro 3 – Quantidade de trabalhos por tipo de publicação

Tipo de trabalho	Artigos	Trabalhos em anais de evento	Dissertações	Teses
No. de trabalhos	18	13	7	2

Quadro 4 – Quantidade de trabalhos por ano de publicação

Ano	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Total
No. de trabalhos	9	1	4	14	11	1	40

---

## VISIBILIDADE E MÍDIA

A discussão sobre processos de midiaticização está presente em trabalhos que analisam os usos que pessoas e artistas trans fazem das mídias sociais digitais, consideradas espaços privilegiados para a construção e o tensionamento de diferentes formas de visibilidade. Recorrendo a referências da Comunicação e da Psicologia Social, Stephanie Lima (2020) em trabalho solo e em coautoria (LIMA; GERMANO, 2019) analisa produções em canais do YouTube de duas influenciadoras digitais trans: Mandy Candy e Thiessa Woinbackk. Nos dois casos, testemunhos das trajetórias biográficas permitiram o agenciamento de visibilidade e do debate sobre identidades de gênero, denunciando estigmas associados à transexualidade e a sexualização desses corpos em outros espaços. Por outro lado, valoriza-se o corpo análogo ao de mulheres cis, buscando o que se chama de “passabilidade”. As autoras apontam que, ao se basearem numa plataforma monetizada e perseguirem visibilidades valorizadas pelo discurso neoliberal, as produtoras dos canais convivem com o tensionamento entre as facetas de militante e influenciadora digital. Já Douglas Graciano (2018) analisou os perfis de três pessoas trans – homem, mulher e não-binário – no Instagram e concluiu que a rede se configura um espaço de enunciação para reafirmarem suas identidades. Para o autor, as fotos na plataforma transpõem a invisibilidade em outros espaços. A conclusão semelhante chegaram Adriana Cunha e Tamires Coêlho (2015) ao estudarem postagens dos blogs Trans.parências e Vanessa.in. Elas fazem uma ressalva: embora as titulares se afastem de estereótipos e reconfigurem processos de subjetivação, compartilhando experiências cotidianas, há limites para o que é posto à vista do público.

Quatro trabalhos recorrem ao conceito de performatividade para discutir a construção de visibilidade midiática por artistas trans. Videoclipes de Linn da Quebrada são objeto do trabalho que propõe uma comunicação-trans a partir de “epistemologias envidescidas” (NEVES; POSTINGUEL; GONZALEZ, 2019). Segundo os autores, esse tipo de comunicação, diretamente dependente de formas de visibilidade e midiaticização, altera a lógica de subalternidade por negociar com diferentes campos e provocar fricções ao colocá-los em contato. A análise comparativa entre a brasileira MC Xuxu, artista do funk, e a angolana Titica, expoente do kuduro em Angola, defende que corpos considerados subalternos em certos espaços tornam-se atraentes e exóticos ao apagar deliberadamente vestígios de masculinidade e colocar em cena releituras inspiradas em divas do pop (CUNHA, SOARES, OLIVEIRA, 2017). Na análise sobre a drag Lia Clark

---

(ROCHA; CAMINHA, 2019), encontraram-se narrativas construídas por um “corpo-mídia”, corpo que porta pautas relevantes. No caso, amparado no humor e no deboche. O conceito também está presente no trabalho de Nilton Abranches Junior e Arthur Marques de Almeida Neto (2015), que acompanharam os desdobramentos midiáticos da performance da transexual Viviany Belebony durante a Parada LGBT-SP, em 2015. A atriz desfilou num carro alegórico, atualizando a cena da crucificação de Cristo. Políticos evangélicos reagiram à encenação, amplificando a visibilidade do protesto. Os autores registram que o corpo-mídia transexual não só constrói discurso; ele é discurso.

Estudos sobre tramas ficcionais também integram o conjunto de trabalhos que discutem a construção da visibilidade trans na mídia. Considerando a relevância da TV aberta no Brasil, Joselyson Fagner dos Santos (2015) faz um inventário de personagens trans em telenovelas e programas de entretenimento, desde o primeiro papel com essa característica, interpretado por Zbigniew Ziembinski na novela *O Bofe*, de 1972. Cinco anos depois, a atriz Claudia Celeste inaugurou em *Espelho Mágico* a participação de travestis em produções do gênero. Na década seguinte, ainda durante a ditadura militar, o ator Ney Latorraca assumia a identidade de Anabela Paiva na novela *Um Sonho a Mais*. O autor recupera exemplos de diferentes emissoras e o que se observa é um deslocamento, não necessariamente linear, do humor para uma certa naturalidade, caso das personagens Dorothy Benson, interpretada por Luís Miranda, em *Geração Brasil*, e Xana Summer de Aílton Graça, em *Império*, ambas em 2014. A descrição se concentra nos personagens. Não se discute a interpretação, quase sempre a cargo de homens e mulheres cis.

Essa questão é levantada por Pedro Vicente de Assis Neto (2018), que trata de recorrências e descontinuidades do processo de visibilização das populações trans na novela *A Força do Querer*, exibida em 2017 e reprisada atualmente. Na trama, duas trajetórias são apresentadas em paralelo: a transição de Ivana em Ivan, jovem homem trans interpretado pela atriz cis Carol Duarte, e a ambiguidade de Notato/Elis Miranda, papel do artista trans Silvero Pereira. O autor observa que a dramaturga Glória Perez construiu, em conjunto com os atores, um percurso discursivo que passa pelos corpos, chamando a atenção para peculiaridades das experiências de transexualidade e travestilidade, inclusive pelas questões políticas envolvidas. Apesar de valorizar a maneira como a visibilidade foi construída, desconstruindo estereótipos e humanizando vivências, o autor questiona certas contradições em diálogo com a sociedade midiaticizada.

---

Ainda no âmbito da ficção, Tania Montoro e Clarissa Dalla Senta (2015) analisaram uma série produzida pela plataforma Netflix. *Orange is the New Black* lança luz sobre questões de gênero, dosando humor e drama. Baseando-se na teoria da complexidade de Edgar Morin, as autoras analisaram as duas primeiras temporadas, levando em conta raça, sexualidade e velhice/envelhecimento sempre em perspectiva com gênero e perceberam que as abordagens tendem a desconstruir visões estereotipadas das formas de feminilidade e masculinidade. As personagens contribuem para a construção de um imaginário em que a contestação pode ser, nas palavras delas transsignificada.

A interface entre ficção e jornalismo está presente no trabalho de Francisco Sousa (2019). Ele discute as narrativas de três peças do coletivo cearense *As Travestidas*, encenadas entre 2010 e 2015: *Engenharia Erótica*; *Br trans* e *Quem tem medo de travesti*. Segundo o autor, as performances incorporam como pastiche recursos dos noticiários locais e são formas de resistir ao apagamento social promovido por narrativas do jornalismo policial que, na visão dele, obedecem a um padrão declaratório e pouco investigativo sobre assassinatos e desaparecimentos de mulheres trans e travestis. Mimetizando a estética jornalística, os espetáculos propõem outros modos de ver as experiências trans e reforçam o jornalismo como importante produtor de sentidos sociais.

O jornalismo foi objeto do levantamento de Ana Claudia Condeixa de Araujo (2018) sobre sentidos relacionados ao corpo transexual na revista *Trip*. A partir dos descritores “transexualismo”, “transexualidade”, “transgênero”, “tranhomem”, “transmulher”, “transtorno de identidade de gênero” e “disforia de gênero”, a autora recuperou 30 notícias e usou análise de discurso para discutir os títulos daquelas que mencionavam cada um dos descritores pela primeira vez. O tema foi inaugurado na revista em 2009 com o termo transexualidade numa matéria cujo título era “Corpo estranho”. O último termo a ser apresentado foi “transgênero” em 2013. Apesar da existência anterior de transexuais e travestis, a ideia de novidade era atualizada a cada notícia que estreava os termos buscados.

Levantamento na Folha de S. Paulo contou e analisou fontes citadas nas reportagens que continham o descritor “transgênero” (CLÉBICAR; LERNER, 2019) para identificar atores privilegiados na produção social de sentidos sobre essa identidade. Foram analisados 76 textos que citavam 216 fontes, a maioria dos campos político e artístico. Atores do campo médico foram menos privilegiados, sugerindo construções discursivas que se afastam de uma visão medicalizada dessas experiências.

---

A publicidade é objeto de Nicolau Girardi (2018), que parte dos Estudos Culturais para refletir sobre a campanha Unlimited Courage da multinacional Nike. Apesar de o elemento empoderamento ser acionado, a forma de enunciação é contraditória por recorrer a uma narração que silencia o personagem principal.

## **VISIBILIDADE E POLÍTICA**

As produções que tratam de política variam em termos de abordagem: parte delas se dedica a entender o panorama nacional e outras miram em contextos locais. Dos nove trabalhos, dois são de Mario Felipe Carvalho. Em sua tese, Carvalho (2015) defende que a luta dos movimentos trans na primeira década deste século foi justamente por visibilidade, tomada como categoria-chave do ativismo. Ele investigou interações sociais de ativistas trans num trabalho de campo diversificado que incluiu análise documental de materiais impressos e digitais, etnografias de eventos como manifestações, seminários, premiações, ações virtuais e uma campanha eleitoral à vereança em município fluminense. Os dois principais eventos observados foram a 18ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, em 2014, e o seminário pelo Dia da Visibilidade Trans, no Rio, em 2013. Embora mencione a visibilidade midiática e cite exemplos de como ela está relacionada com a visibilidade política, os jornais não estiveram em seu foco. Exemplo dessa interação foi o caso da musicista Kathyla Katheryne, a primeira a conquistar o direito de alterar o registro civil sem passar por cirurgia. Ela é convidada a compartilhar sua experiência com o movimento após entrevista a um jornal. Seu segundo trabalho é um artigo em que apresenta observações da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo e o ato pelo Dia da Visibilidade Trans, de 2015. Carvalho (2018) narra embates dentro do movimento LGBT para dar visibilidade específica à sigla que representaria o segmento mais vulnerável: a população trans. Pelas categorias nativas, o desfile em São Paulo não atingiu os objetivos políticos em contraste como o evento carioca, a despeito de recorrerem a expedientes semelhantes, como o uso de redes sociais e do corpo como “bandeira”. Parte da explicação estaria na negociação com as demais identidades presentes na parada e também nos efeitos das manifestações de julho de 2013.

Alexandre Flemming Camara Vale (2018) descreve as trajetórias de Janaína Dutra e Camille Cabral para analisar a constituição do movimento trans desde a década de 1990. As duas ativistas e intelectuais trans adotaram o que ele chama de retóricas de empoderamento para se desvencilhar das opressões. Formada em direito, Janaína fundou

e integrou movimentos e associações de trans e travestis. Orgulhava-se de ter sido a primeira mulher trans a ter sua foto na carteira da Ordem dos Advogados do Brasil, mesmo mantido o nome de registro. Médica, Camille Cabral deixou o Brasil e concluiu seu processo de feminilização na França, onde fundou a Associação Prevenção, Ação, Saúde e Trabalho para Transgêneros. Ao recontar a experiência internacional de Camille, Vale recupera os debates a respeito do uso das categorias travesti, transexual, transgênero e pessoas trans, algo que envolve inclusive a questão idiomática e, conseqüentemente, o contexto cultural. Por meio do engajamento político, elas puderam ressignificar as experiências trans e adotar um regime de visibilidade que pode vigorar à luz do dia.

Em artigo do campo do Direito, Lucimary Leiria Fraga e Luiz Carlos Rosa (2018) realizam análise bibliográfica e processual para investigar como pessoas trans são visibilizadas nas instâncias judiciais. Tomam como objeto o caso de T, mulher trans do município de Santo Angelo (RS), para discutir como sujeitos trans são vistos e ouvidos durante um processo. Os autores discutem as decisões a favor e contra T durante a adolescência com base em processos cível, em que demandava atendimento médico, e penais, nos quais respondia como ré (ou réu, segundo o juízo). Observaram condutas distintas conforme a presença diante dos julgadores. O descompasso entre a presença feminina de T e seu nome masculino nos documentos a desacreditava nas audiências. De outro modo, quando o exame das alegações se restringia aos autos do processo, o juízo tendia a vê-la “apenas” como menor infrator. Ainda na área do Direito, Estevão Fernandes e Ana Luiza Pante (2019) discutem o uso de redes sociais digitais como espaços de mobilização política. A partir de levantamento bibliográfico, afirmam que a ocupação das redes proporciona conexões que fortalecem a busca ou consolidação de direitos – por exemplo, direito ao trabalho, fortalecido por plataformas de emprego para pessoas trans – mas são espaços onde as pessoas trans estão sujeitas a violências.

Trabalhando com a questão migratória, Theodoro Hadriel e Denise Cogo (2018) refletem sobre as dinâmicas relacionadas ao que chamam de diáspora queer. De acordo com os autores, que realizaram entrevistas e observações em espaços institucionais e culturais de atendimento a imigrantes, a relação com as formas de visibilização é ambígua. Ora trata-se de promoção de cidadania vinculada à resistência, ora contribui para precarizar sua existência em território brasileiro. Eventos culturais, associados ao uso de redes sociais, favorecem as interações sociocomunicacionais dessas populações.

---

Isadora Leite (2017), em dissertação de mestrado em História, realizou entrevistas em profundidade com um homem trans e três mulheres trans, entre 20 e 30 anos, para estudar as formas de subjetividade. Ela observou que os discursos médico e jurídico por um lado dão e por outro tiram a visibilidade na medida em que são seus enunciados de saber e poder que legitimam sua existência. A questão da patologização, então institucionalmente presente, seria uma forma de invisibilizar o desejo de verdade que os sujeitos carregam em si. Para ela, a política seria o lugar da expressão da subjetividade, da verdade de si. Quando o que ela chama de “visibilidade invisível” – essa visibilidade conferida – predomina, a invisibilidade por exclusão e por violência se materializa.

Três trabalhos coletados tratam da visibilidade política localmente. Em sua tese, André Neves (2019) faz uma etnografia da mobilização por políticas públicas de saúde em Manaus. Por meio de observação participante e entrevistas com integrantes de associações representativas de mulheres trans e homens trans, conclui que a saúde organiza a vida política dessa população com uma gramática de direitos. Do ponto de vista nativo, observa a adoção de quatro categorias semânticas acionadas na construção da mobilização que tem os agentes do Estado como adversários ou aliados e a sociedade como público: confronto; articulação; visibilidade; colaboração. André Tosta (2015) também recorreu às mesmas metodologias para investigar a organização política das pessoas trans no Espírito Santo, identificando de modo semelhante a dualidade apoiadores x opositores. O autor conclui que há uma forma de negociação que transforma em oportunidade de mobilização as situações de oposição. Isso ocorre porque a mobilização resulta de “solidariedade” motivada por experiências compartilhadas socialmente. Outro elemento presente é a configuração dos sujeitos a partir dessas experiências coletivas e individuais, em articulação. Josefina Silva (2018) elege estética como eixo analítico de seu trabalho de campo sobre a I Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba (SP), em 2018. Além de observação etnográfica e entrevistas, a autora incluiu mensagens por aplicativo como material de análise. Como em outros estudos, observa o uso do corpo como estratégia de comunicação política, bem como o consumo de moda.

O último trabalho deste conjunto se afasta da temática específica. O artigo de Luis Felipe Miguel (2017) chama a atenção para a invisibilidade da relação entre as dominações burguesa e masculina. Ele propõe que trabalhos sobre gênero incorporem a problematização sobre a relação entre capitalismo e patriarcado.

---

## VISIBILIDADE E CULTURA

A arte e a moda foram formas de expressão utilizadas para a discussão sobre a visibilidade cultural ligada às vivências trans. São trabalhos que entendem arte e moda como produtos e produtores de seus contextos histórico e político. Tava Queiroz (2017) entrevistou quatro mulheres trans, de 21 a 28 anos, e notou um nexo entre a indumentária e “a” verdade do sexo. Neste trabalho, a “montação”, isto é, o uso de roupas, acessórios e maquiagem, como tecnologia de modificação corporal temporária, ganha permanência por seu caráter reiterado e cotidiano. Ao pesquisar campanhas publicitárias e editoriais em revistas especializadas, Hélcio Fabri (2015) afirma que a comunicação de moda tem potencial para ressignificar formas de visibilidade trans. O trabalho enfoca modelos cujos corpos, reconstruídos com intervenções que alteram a anatomia em favor da redesignação de gênero, podem ser relacionados às ideias de autonomia e igualdade. Para o autor, a moda seria um espaço de transgressão do binarismo de gênero, contribuindo para a problematização das razões pelas quais as populações trans são marginalizadas.

Entre os trabalhos que se dedicaram às manifestações artísticas, o teatro foi escolhido como objeto de dois trabalhos assinados pela mesma autora. Em sua dissertação, Camila Grillo (2019) analisa produções teatrais com temas LGBT, encenadas em São Paulo entre 2012 e 2018. A partir das sinopses das peças e entrevistas com atrizes, ela constata que os espetáculos dão mais visibilidade às identidades gay e trans do que lésbica. Em trabalho anterior em coautoria (GRILLO; LANZARINI, 2018), observou que a visibilidade lésbica também é menor em outros espaços cênicos no Brasil.

Diferentemente do que ocorre no teatro, Lino Arruda (2015) sugere que há uma articulação “translesbianizante” num movimento contra-artístico em materiais gráficos. O autor considera que as produções Pegadinha Les-Bi-Trans, Sapatoons Queerdrinhos e Eu Vejo Lésbicas em Todos os Lugares contribuem para a construção de um imaginário lésbico e trans que pode desestabilizar formas de retórica e visibilidade heterocapitalista.

Potiguara da Silveira Jr. e Camile Balestieri (2017) baseiam-se na teoria psicanalítica da comunicação, para analisar o quadro A Transfiguração, de Rafael Sanzio. Usando o conceito de revirão, “fluxo contínuo de reversões e viravoltas da vida mental e social” (SILVEIRA JR. E CAMILE BALESTIERI, 2017, p.567), observam na obra os trânsitos do Renascimento e as tensões com o Barroco. As autoras mencionam as identidades trans para indicar que o mundo contemporâneo vive um novo revirão.

---

## **VISIBILIDADE E EDUCAÇÃO**

Três trabalhos discutem a relação entre visibilidade de experiências trans e educação. Nos três casos, a questão do respeito ao nome social aparece com ênfase. O artigo de Wegton Vidal (2019) trata da homologação da resolução do Ministério da Educação que autoriza o uso do nome social em 2017 como estratégia parcial para dar visibilidade às pessoas trans no ambiente escolar. No estudo de Sanderson Fernandes (2018), uma questão se coloca de antemão: a definição de trans na adolescência e juventude, quando identidades de gênero e orientação sexual podem se confundir. A partir da autodeclaração, o trabalho considera experiências como travesti, mulher trans, efeminado e “bicha”. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco “jovens trans” de Corumbá (MS), que encontraram em grupos folclóricos visibilidade e reconhecimento, que não obtinham em outras atividades ofertadas pelas escolas. O terceiro trabalho levou em conta experiências educacionais de um homem e uma mulher trans no ensino superior (OLIVEIRA; SILVA, 2018) e suas estratégias para concluir os estudos. O artigo destaca o reconhecimento do nome social, mas aponta alguns entraves mencionados de forma recorrente, como o uso de banheiros.

## **VISIBILIDADE E PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

Dos três trabalhos que caracterizam a visibilidade de pessoas trans na produção científica brasileira, dois estão vinculados. Trata-se de dissertação de mestrado e de um artigo, publicado no ano seguinte, por Niki Rodrigues (RODRIGUES, 2018; RODRIGUES; SILVA; ARAUJO, 2019). A fim de traçar um panorama da produção a respeito no país, realizou-se levantamento em bases multidisciplinares. Foram coletados 293 artigos produzidos desde a década de 1970 em Scielo, Web of Science e Scopus e constatou-se a centralidade de três temas principais: papéis de gênero, doenças sexualmente transmissíveis e doença (abordagem patologizante da transgeneridade), a maior parte tendo como objeto populações trans femininas e travestis. As transmasculinidades foram menos investigadas. O terceiro trabalho propõe a centralidade da experiência trans na produção de saberes e conhecimento (CARRIJO et al, 2019). O artigo se baseia numa produção de cinema etnográfico documental para contar a história dos movimentos travesti e trans pelos afetos de Keila Simpson e problematizar o lugar epistêmico das pessoas trans na produção científica. Ao mesmo tempo em que é objeto

---

do documentário e da pesquisa, Simpson é sujeito: dirige o filme e assina o artigo que discute potências e tensões éticas, políticas e mesmo técnicas que se entrelaçaram.

## **VISIBILIDADE E SAÚDE**

Apenas dois trabalhos associam visibilidade diretamente à saúde, de acordo com os critérios de busca. No primeiro, de Heloísa Junqueira e Carmita Abdo (2018), o aumento de visibilidade das pessoas trans nos serviços de saúde é a justificativa para atualizar tópicos sobre o tema a partir da percepção de que os próprios profissionais estariam, segundo as autoras, interessados em práticas baseadas em competências clínicas e culturais. O artigo aponta que a não conformidade entre sexo biológico e papel de gênero só é patológica se causar sofrimento. Segundo elas, é atribuição do profissional de saúde mental abordar os efeitos da hostilidade do ambiente social, resultante de estigmas e preconceitos, e auxiliar os indivíduos a encontrar, mediante intervenções psíquicas ou ambulatoriais e cirúrgicas, se for o caso, a expressão de gênero com que se sintam mais confortáveis. Já o estudo de Otto Hanauer e Ana Paula Hemmi (2019) toma visibilidade como questão e recorre ao conceito de itinerário terapêutico para conhecer os percursos de sete pessoas trans em busca de atendimento a necessidades e demandas em saúde. Dois pontos marcam a interseção de trajetórias biográficas e itinerários terapêuticos: o reconhecimento como trans e a busca por modificação corporal. O reconhecimento está relacionado à resolução de conflitos internos e externos. O sexismo contribui para que a transexualidade seja invisibilizada nos serviços de saúde e na rede de convívio. Notou-se relação entre invisibilidade e violência, já categorizada e criminalizada como transfobia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A revisão sinaliza para uma relação mais estreita entre visibilidade trans e comunicação, política e cultura. A maior parte dos trabalhos coletados aborda a construção social ou as representações dessas identidades em diferentes instâncias midiáticas, sendo as redes sociais, os jornais, os programas de TV e a publicidade os *loci* prioritários das pesquisas. No campo político, as reivindicações e as estratégias dos movimentos sociais conformam o principal eixo dos trabalhos que investigam o tema. Em alguns deles, o atravessamento com questões de classe e raça são fortemente enfatizados, destacando-se os efeitos que essas categorias têm na (in)visibilização dos

corpos de pessoas trans e suas demandas. É importante ressaltar que, embora a maior parte dos trabalhos tome visibilidade como um atributo favorável, há aqueles em que ela é problematizada e suas consequências desfavoráveis, incluindo diferentes formas de violência, são apontadas e discutidas. Por fim, uma questão reiterada, mas não esgotada em boa parte dos estudos trata do emprego de diferentes formas de nomear as identidades. Essa percepção indica a necessidade de se precisar as maneiras distintas de caracterizar essas vivências e os deslocamentos que cada uma promove em relação às outras e chama atenção para a pertinência de se estudarem sentidos em permanente trânsito.

## REFERÊNCIAS

ABRANCHES JUNIOR, N; ALMEIDA NETO, A. Religião, Gênero e Território: Discursos Midiáticos Da Parada Gay De São Paulo. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 38, p. 205-224, dez. 2015.

ARAÚJO, A.C.C. O corpo transexual: o pontapé inicial na construção de uma cartografia que colabore na reflexão de como a transexualidade foi construída. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: Intercom, 2018.

ARRUDA, L. **Translesbianizando o olhar**: representações na margem da arte. Revista Estudo Feministas, v.23, n. 1, p.229-239, 2015.

ASSIS NETO, P.V. Uma nova visibilidade para as experiências trans?: uma análise das trajetórias de Elis e Ivan na telenovela A Força do Querer. In: Congresso Internacional da Abeh, 9., 2018, Ceará. **Anais [...]**. Ceará, Abeh, 2018.

CARRIJO, G. et al. Movimentos emaranhados: travestis, movimentos sociais e práticas acadêmicas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019.

CARVALHO, M. F. Notas etnográficas sobre duas manifestações de rua do ativismo trans no Brasil. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 33, n. 96, 2018.

CARVALHO, M. F. **“Muito Prazer, Eu Existo!”**: visibilidade e reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil, 2015. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CLÉBICAR, T; LERNER, K. A construção social das identidades trans na Folha de S.Paulo: análise das fontes citadas (1998-2008-2018). In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém: Intercom, 2019.

CUNHA, A; COELHO, T. Trans-subjetividade na blogosfera: uma abordagem sobre gênero e escrita de si. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

CUNHA, S; SOARES, T; OLIVEIRA, L. Performatividade de gênero na cultura midiática: dinâmicas de visibilidade nas trajetórias de MC Xuxu e Titica, **Interim**, v. 21 n. 2, jul., 2016.

FABRI, H. Transgêneros na moda: design corporal e visibilidade “trans” na comunicação de moda. **Revista dObra[s]**, v. 8, n. 17, p. 45-54, 2015.

- FERNANDES, S. **As trajetórias de “jovens trans” na fronteira Brasil/Bolívia:** (in)visibilidade nas escolas públicas de Corumbá (MS). 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2018.
- GIRARDI, N. O homem trans na publicidade: uma análise do anúncio Unlimited Courage, da marca Nike. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: Intercom, 2018.
- GRACIANO, D. **A margem da imagem: uma análise da (in)visibilidade trans no Instagram.** 2018. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2018.
- GRILLO, C. **A visibilidade lésbica nos espetáculos teatrais da cidade de São Paulo/SP entre 2012 e 2018.** 2019. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- HADRIEL, T; COGO, D. Da diáspora queer: entre (in)visibilidades sociocomunicacionais e o exercício de cidadania. In: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 27., 2018, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, Compós, 2018.
- HANAUER, O; HEMMI, A. P. Caminhos percorridos por transexuais: em busca pela transição de gênero. **Saúde debate**, v. 43, n. 8, p.91-106, 2019.
- JUNQUEIRA, H; ABDO, C. Atualidades em disforia de gênero, saúde mental e psicoterapia. **Diagn. tratamento**, v. 23, n. 4, p. 147-151, out-dez 2018.
- LEIRIA FRAGA, L.; ROSA, L. C. A (in)visibilidade da voz trans frente à justiça, o Estado e a sociedade. **Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n. 4, 2018.
- LEITE, I. **Subjetividade trans:** a invisibilidade do sujeito nos jogos de verdade. 2017. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- LIMA, S. Identidade de gênero, (in)visibilidade e militância trans nos canais Mandy Candy e Thiessita do youtube. 2020. 97f. - Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2020.
- LIMA, S; GERMANO, I. Transexualidade e visibilidade trans em mídias digitais: as narrativas de Mandy Candy no YouTube, **Semina**, v. 40, n. 1, 2019.
- MIGUEL, L. F. Voltando a discussão sobre capitalismo e patriarcado. **Revista Estudo Feministas**, v.25, n. 3, p.1219-1238, 2017.
- MONTORO, T; DALLA SENTA, C. Orange é o novo gênero. In: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 24., 2015, Brasília. **Anais [...]**. Belo Horizonte, Compós, 2015.
- NEVES, A. **“Política é vida”:** ativismo e política de saúde trans em Manaus (AM). 181 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- NEVES, T; POSTINGUEL, D; GONZALEZ, F. O canto da quebrada: aberrâncias audiovisuais, friccionalidades e transgressão do sistema. In: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 27., 2018, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, Compós, 2018.

OLIVEIRA, A.; SILVA, L. Entre as políticas de inclusão e as estratégias: as experiências de pessoas trans no ensino superior, **Revista Educação e Emancipação**, v. 10, n. 4, p.11-31, 2018.

PANTE, A.L; FERNANDES, E. Novas demandas, novos espaços: pessoas trans e ativismos on line como estratégia de visibilidade. **Revista de Direito da Cidade**, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 617-635, fev. 2020.

QUEIROZ, T. Alguns aspectos dos usos da moda na comunicação da identidade de gênero de travestis e mulheres **transsexuais**. In: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 26., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, Compós, 2017.

ROCHA, R; CAMINHA, M. Estéticas bastardas de subjetividades celebrizadas: sensualização, deboche e resistências no pop-funk de Lia Clark, **Revista Famecos**, v. 26, n. 1, 2019.

RODRIGUES, E. **Visibilidade trans na produção científica brasileira**: contextos, temas, desafios e tendências. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Informação e Comunicação em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

RODRIGUES, N; SILVA, C; ARAUJO, I. Visibilidade de pessoas trans na produção científica brasileira. **Reciis** [Online], v. 13. n. 3, set. 2019.

RUDESTAN, K; NEWTON, R. **Surviving your dissertation**: a comprehensive guide to content and progress. Newbury Park: Sage, 1992.

SANTOS, J. Travestimentas e transexualidades no entretenimento televisivo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

SILVA, J. 1ª marcha da visibilidade trans de Sorocaba: estética, consumo e comunicação política. In: Congresso Internacional Comunicação e Consumo, 7., 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, Comunicon, 2018.

SILVEIRA JR., P; BALESTIERI, C. Comunicação trans: teoria, gênero e psicanálise. In: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 26., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, Compós, 2017.

SOUSA, F. Das páginas de jornal à cena: corpo, imagem e narrativas trans no coletivo artístico as travestidas. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém: Intercom, 2019.

VALE, A. Regimes de visibilidade e retóricas de empoderamento. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 12, n. 18, 10 set. 2018.

VIDAL, W. Visibilidade trans na educação: uma análise sociológica de travestis e transexuais na cidade de Belo Horizonte. **Revista Praxis Pedagógica**, v. 2, n. 3, p.83-95, 2019.

TOSTA, A. **O jeitinho das capixabas: mobilização política e os dilemas da cidadania e visibilidade entre militantes trans do ES**. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

GRILLO. C; LANZARINI, R. Fixidez e desconstrução: uma discussão sobre a identidade lésbica invisibilizada nas artes. **Revista Artémis**, v. 25, n. 1, 2018.